

Organização Social em Terra Dura : *Uma parentagem doída*¹

Francy Eide Nunes Leal (UFG/GO)

Palavras-chave: Quilombo, Território, Etnicidade

Tecendo Redes - A parentagem como política.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa etnográfica sobre a política comunitária de/com a Comunidade Quilombola Terra Dura, situada no sertão norte-mineiro. O objetivo central é compreender o fazer político desse grupo étnico, a partir de uma mobilização contemporânea pela retomada do território tido como tradicional. Para tanto, o foco recairá nas formas de conectividade, a partir de uma lógica de associação que busca interligar pessoa de dentro, de fora, entidades espirituais, quilombolas, não quilombolas de modo a formar a *parentagem doída*².

Desta forma, analiso a organização social do grupo, observando como a *parentagem doída* opera na construção da política interna por meio das trajetórias individuais que em suas especificidades compõe uma trajetória coletiva na construção de uma rede “interquilombos”.

Em um primeiro momento, apresento as narrativas biografias/trajetórias que vão sendo emaranhadas a partir de intercruzamentos, na construção de um campo político, ou seja, o protagonismo desses sujeitos na vida em comunidade, seus posicionamentos na esfera social e locais de poder agenciados, evidência como ocorre o deslizamento dessas relações para instâncias de tomada de decisões coletivas, como a associação quilombola e os diálogos com o INCRA.

Em um segundo momento parto da premissa que fazer política é consolidar e estender a rede de relações, que tem como um dos seus fios condutores o *tocar parentagem*. O foco é entender como são produzidos parentes pela *parentagem doída*, ou seja, quais são as estratégias de casamento, de compadrio, na construção de alianças políticas. Além de esboçar um tipo de relação com o de fora, com as entidades religiosas, as

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

² Grafia em itálico faz referência aos conceitos da comunidade.

inserindo na rede de reciprocidade e obrigação. Objetivo aqui é aproximar o parentesco da política, tal qual sugere Vieira (2010) no caso Potiguara, ao fazer um paralelo entre a esfera do parentesco, que cria movimentos de aproximação entre parentes, bem como tendências de casamento e de residência que atuam na composição e organização das famílias. E entre a política que ensina um jogo de forças por meio dos processos que envolvem tanto a composição de círculos de cooperação e de aliança que são estabelecidas por critérios de proximidades de parentesco (genealogia) ou de residência, quanto à estratégia de aproximação de incorporação da alteridade via os ideais de fechamento e abertura ao exterior.

Para nortear as discussões utilizo o conceito de redes na perspectiva de Plínio dos Santos (2010), uma estrutura dinâmica, a qual apresenta tensões, onde os membros estão em constante interação, de forma não hierárquica, informações e solidariedade. Nessa direção à ideia de redes está centrada no movimento e na conexão interligando espacialmente descontínuas, porém intensamente conectadas e articuladas entre si. (Plínio dos Santos, 2010, p.57)

Além do conceito de rede, o de biografias/ trajetórias serão inseridos como ferramentas que contribuem para elucidar as relações entre parentesco (*parentagem*) e política em Terra Dura. Sobre a noção de trajetória, Bourdieu (1989) a utiliza como técnica para análise, ao considerar que a trajetória de um indivíduo é como uma série de posições sucessivamente ocupadas por ele, ou por um grupo social, em um espaço, ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.

Suely Kofes (2001, p.25) aborda a trajetória como instrumento heurístico. Os sujeitos sociais são em si mesmo entrecruzamento de relações às quais estão ligados quer pelos significados já dados a estas relações e que constituem os sujeitos enquanto pessoas sociais, quer pelos significados que eles agenciam e narram.

A temporalidade nesse trabalho não é linear, a construção da narrativa é tecida pelo entrelaçamento de lembranças e esquecimentos presente na memória do interlocutor - parceiro de diálogo - que por meio da seleção involuntária ou não relata o vivido, ou, o mais significativo na sua construção de si e do outro no discurso. As narrativas estão situadas em um enredo, tecidos por diversas relações e aspectos que compõem a memória e o lembrar. Para nortear essa questão apresento as narrativas biografias/trajetórias que vão sendo emaranhadas a partir de inter cruzamentos, na construção de um campo

político. Trabalhar com narrativas nesse texto é basilar, a história do povo de Terra Dura é transmitida entre as gerações pelas memórias dos mais velhos. Ao contarem a história de si, descrevem a história do grupo, da *Nação de gente preta*, atravessada pelo parentesco e pelo sofrimento dos antepassados.

Esclarecida as questões conceituais, embarquemos na construção da etnografia proposta, composta pela relação dialógica entre a antropóloga e os parceiros de diálogo, que narram suas próprias vidas a partir das quais cria e traz sentido ao existir no mundo.

Entre Trajetórias.

Mãe Bernarda a mãe que adota.

Em Boa Vista, atualmente Caxambu I, área que compõe o Quilombo Brejos dos Crioulos, município de São João da Ponte – MG, nasceu Bernardina Ferreira dos Santos. Mãe Bernarda, como todos costumam tratá-la carinhosamente.. A forma de referi - se a ela como mãe reforça o respeito que as pessoas têm, os vinculo de parentesco e o seu local enquanto referência na vida em coletivo. Filha mais velha do casal Júlio Ferreira dos Santos, nascido na Boa Vista e Vicência Pereira dos Santos, Gurutubana.

Na infância migrou com a família para Barreiro Grande. O local onde vivia em Boa Vista era terra de herança e a extensão não suportava todos os parentes, o que gerou conflitos e a separação entre os irmãos do seu pai. Alguns permaneceram em Boa Vista outros migraram para Barreiro Grande. No Barreiro Grande Júlio seu pai, trabalhava por conta própria, fazia roça, criava gado e porcos. A extensão de terra era grande. Naquele período não havia fazendeiros na região e as terras eram livres. Ele era um homem considerado forte, pois plantava muito e sua casa sempre era local de fartura. Bernarda fala do seu pai com muito orgulho, ao contar a história da família o processo de expropriação que seus antepassados foram submetidos.

Meu pai trabalhava para si, fazia roça, plantava arroz, feijão, milho, era fartura, aquele farturão, tinha gado, porco, muita galinha, era um mundão de terra, até hoje tá lá, é essa terra que os quilombolas estão brigando, a terra é dos quilombolas. Essa terra, por exemplo, quem tirou o povo de lá foram eles, esses fazendeiros que tiraram os pobres, tomou tudo, hoje está sofrendo no mundo. Essa terra lá muito boa, muito boa mesmo. Nós fomos criados ali naquela terra, os fazendeiros tomaram tudo, escorraçou com os coitados dos pobres, uns foram pra cidade, outros foram achar terra em outros lugares. (Dona Bernarda, Terra Dura, 2014).

Sua família foi expulsa das terras sem direito a nada. Como seu pai tinha boas condições a expropriação foi parcial. As terras que ela faz alusão na citação à acima é o território que os *Sem – Terras Quilombolas* estão reivindicando. Nota-se que as comunidades quilombolas no norte de Minas Gerais são interligadas por relações de parentesco, as falas sempre trazem essas questões em meio a relatos de sofrimento e expulsão.

Aos dezoito anos Bernarda chega a Terra Dura após casamento com Senhor Lino. O matrimônio entre Lino e Bernarda foi estratégico, a família de Bernarda era *gente cheia*, Lino um *coitado fraco, vivia no mundo trabalhando para si nas terras dos outros*. Com o casamento o pai da moça comprou a área que o casal vive com o núcleo familiar em Terra Dura. O casamento é uma estratégia de fortalecimento de vínculos. O deslocamento do homem ou da mulher ocorre de acordo com a condição financeira do mais forte ou por quem tem uma parcela maior de terra.

Esse casal são os mais velhos da comunidade, ancestrais comuns, estabelecem relações de parentesco com todos, seja tanto por consanguinidade, quanto por afinidade. “o parentesco é, acima de tudo, um sistema de subjetividade, pois as estruturas básicas da consciência humana envolvem necessariamente a consciência de um eu [self] em meio aos outros”(GOW, 1997, p.39). Tiveram tantos filhos, quando começam a contar perdem o cálculo. Bernarda conseguiu lembrar o nome de dezenove filhos: nove *filhos de sangue*, oito *filhos de criação*, dois filhos *da casa*. Os *filhos de sangue* são os filhos biológicos, os *filhos adotivos* são crianças a qual o casal que pretende adotar não tem nenhum vínculo de consanguinidade próxima, podendo até ser um parente de outra comunidade. O *filho de casa* é um parente próximo, geralmente são netos criados por avós, ou sobrinhos criados pelos tios. Apesar da construção de categorias de classificação diferenciada, Bernarda diz que educou todos de forma igual

Bernarda conta que aprendeu a adoção com seus pais. Uma prática bastante comum entre os moradores da região. Na infância seu núcleo familiar era pequeno; ela, Gasparino (irmão biológico), sua mãe e pai. Por ter condições financeiras um pouco melhor que os demais, seus pais criavam algumas crianças até a autonomia.

O povo de primeiro sofria, tinha aquelas mãe solteira que não dava conta de criar os fiinho, passava gente e pegava pra criar. Aqueles que tinham mais condição criavam. A mamãe mesmo mais papai criava um muncado de filho dos outro. A hora que iam crescendo ia saindo, era assim. Eu acho que por isso que, eu fiquei nesse sistema que toda vida nós era pouco dentro de casa,

mas a casa nossa era cheia de gente. Papai mas mamãe criava os meninos.
(Bernarda, 2014)

Em 2011, aos 75 anos estava com a saúde frágil, passa o dia deitada na cama, com as pernas fracas, a barriga está crescendo e o fôlego sempre curto, não aguenta trabalhar. Os *guias espirituais* revelaram para ela que essa doença está relacionada à coisa feita, ou seja, algum feitiço acometeu sua saúde. Análogo ao Catimbó (Mura 2013, Vieira 2010). Para rebater o feitiço foi enviada pelos guias Cosme e Damião à Cocos na Bahia, submeteu-se a uma cirurgia espiritual, que a salvou da morte, feitiço mal tratado leva a morte ou aleija. Em janeiro de 2016 veio a falecer, deixou um legado de luta para toda a sua *parentagem*.

Dona Zefa a filha de criação.

Maria José Alves Barbosa é, gêmea *amabasa*, (bivitelina), com Bião. Filha de Aguinero e Selvina moravam na Boavistinha. Sua trajetória de vida toma outros rumos ainda criança, aos quatro anos quando encontra com Dona Bernarda e por meio da adoção suas histórias se inter cruzam. Mãe Bernada socializa o momento do encontro:

Quando eu peguei Zefa, eu era moça nessa época, e eu era criada sozinha, não tinha ninguém dentro de casa, não tinha irmã, só tinha Gasparino, mas era rapaz e não parava em casa. Aí eu fui lá pra riba pra Boa Vista cuidar de uma mandioca lá e ela deu de vim mais eu, miudinha do tamanho dessa menina de Lili, aí foi, eu peguei ela e trouxe. Ficou mais eu. Ela ficou mais eu uns vinte dias, depois eu tornei ir lá cuidar da mandioca través, chegando lá a mãe dela tomou ela de mim. Aí agora eu fiquei variada sem ela, ela não acostumou com a mãe mais e tornou pontar eu través. Aí agora até hoje ela mora comigo. Desde ela muidinha(Mãe Bernarda, 2014).

A mãe biológica de Zefa criava os filhos sozinha, fez um acorde onde Bernarda por ter melhores condições financeiras iria criar a menina, com o compromisso de não bater, não passar fome, trazê- lá para visitar os familiares e principalmente o seu irmão gêmeo. A relação estabelecida não foi bem de mãe e filha, já que a diferença de idade entre as duas é de somente quinze anos e Bernada era moça solteira. Naquele contexto ser mãe solteira era inaceitável, sendo vítima preconceito. A relação estabelecida foi de dama de companhia, algo comum entre as famílias de condições financeiras melhores e as crianças pobres. Aos doze anos de idade, Dona Zefa, chega a Terra Dura. Em decorrência do casamento de Bernada com o Senhor Lino, a quem nunca chama de pais, sempre de *meus criadores*.

A partir da chegada em Terra Dura com sua família ela começou a sofrer algumas perturbações, não comia direito, ficava muda, não dormia, e com o passar do tempo isso

foi agravando mais e mais. As pessoas consideravam que essas perturbações eram de ordem espiritual. Então, seus criadores procuraram um jeito de ajudá-la e foram informados dos trabalhos espirituais que Zé Brito realizava em seu centro de umbanda numa localidade próxima, atualmente uma fazenda de propriedade do Doutor Osmar. Em seu centro Zé Brito iniciava as pessoas em sua religião e resolve problemas de ordem espiritual por meio do *trabalho*, ritual de consulta aos pretos velhos que diagnosticam o que o paciente tem, receita medicamentos e procedimentos para resolver a perturbação, seja de ordem espiritual ou física. Com a chegada da menina para tratamento descobre a mediunidade

Na Religiosidade Espiritiva a cura de uma doença obriga a iniciação em casos específicos quando a situação é extremamente grave. Não sendo um simples cliente, mas alguém com potencial mediúnico, o pai-de-santo pode pretender desenvolver o cliente como um filho-de-santo. Algumas doenças diagnosticadas como derivadas da intervenção de entidades sobrenaturais podem requerer a iniciação mesmo quando o paciente é desconhecido do pai-de-santo. A partir desse primeiro contato com um centro espírita, Dona Zefa começa o processo de iniciação como filha-de-santo e o seu sofrimento foi amenizado no decorrer das etapas de desenvolvimento espiritual.

No Ritual de Limpeza e batizado descobriu que seus Guias de Trabalho são Cosme e Damião. A mediunidade advém do fato de ser *gemia amabasa*, ou seja, gêmeos bivitelinos. Acreditam que pessoas gêmeas tem vínculo com Cosme e Damião que também são entidades gêmeas. A Limpeza e o Batizado vinculam os filhos de santo ao pai de santo, criando obrigações rituais dentro e fora do *Centro Espiritivo*. A princípio a primeira obrigação ritual foi de participar todo dia trinta de cada mês das celebrações para dar um sustento na mesa do Zé Brito, ou seja, ajudar como força espiritual na celebração do terço.

Aos vinte e um anos, Zefa casou-se com o Senhor Bejamim, irmão de Lino, foram morar na casa antiga dos seus criadores. Bernarda conta como era o namoro antigamente e o desenrolar desse casal até culminar no casamento:

Ah o namoro de primeiro era... (RISOS), o rapaz tinha hora que ia na casa e nem as moça os rapaz via. É que Beja é irmão de Lino, Zefa e ele foram criados juntos, começou a gostar dos zanzotos e tá vivendo. Começou a namorar daí casou. Ficou por aí mesmo, morando mais eu. Aí que eles arrumaram a casa e se ajeitaram por aqui. (Dona Bernarda,2014)

Nessa fase de vida, de mulher casada, novamente volta a ser perturbada pelos Guias espirituais, em um grau mais elevado. Dentro do processo de iniciação ao qual foi submetida, tendo como dom guia de trabalhos é compulsoriamente sugerido que comece a atender e a celebrar terços mensais para que seu corpo físico pare de sofrimento. É a partir desse momento que essa mulher negra constrói em um cômodo de adobe um templo que chama de *Igreja Espiritiva* para cumprir as suas obrigações rituais com Cosme e Damião.

Nesse cômodo simples muda a vida de toda a comunidade a qual ela faz parte. A Religiosidade Católica Espiritiva fixa a territorialidade religiosa. Se no tempo dos antigos a características da religiosidade era a migração para outras comunidades em momentos festivos e a realização de terços em momentos esporádicos. Com a igreja começa a se delinear um calendário festivo. Ao fundar a sua *Igreja Espiritiva* essa mulher negra atrela para si a referência enquanto líder religiosa e política. Instaure obrigações rituais a toda a coletividade com as entidades do universo espiritual.

Com o casamento com Beja têm quatro filhos biológico e uma filha de criação. Uma família bastante unida que vivem em uma mesma casa. É por meio da religiosidade que as trajetórias de Biata mulher jovem da comunidade que emerge como possível líder religiosa e de Dona Zefa líder tradicional se entrelaçam em uma disputa de poder, onde o contexto cria a invisibilidade Biata e enaltece a autoridade discursiva da mãe de santo.

Biata nova atriz política no campo religioso

Elisangela Dias Pereira (Biata) nasceu no ano de 1987, em Terra Dura, filha de Geraldo Dias de Abreu com Dona Vanilda Pereira Barbosa. Casou-se com Júlio, filho de Dona Bernarda e Sr. Lino. Viveu na casa dos sogros até que a sua ficasse pronta ao lado da moradia deles. Esse casal de idosos sempre divide uma parte da terra para os parentes que estão constituindo um novo núcleo familiar. Essa mulher jovem é uma das lideranças que vêm emergindo na comunidade.

Luta pelo acesso à educação de qualidade com o objetivo de dar melhores condições de vida para sua filha Jucélia (09 anos) e para as crianças de Terra Dura. Concluiu o ensino fundamental, entretanto, ficou impedida de cursar o Ensino Médio. A escola da comunidade não tem todas as séries do ciclo escolar básico, a mais próxima é a Escola Municipal Versol de Souza na comunidade Quilombola agreste, entretanto a prefeitura

não disponibiliza transporte escolar. Com poucas opções de estudo e trabalho ela e outras mulheres jovens de Terra Dura e Sete Ladeira, estão submetidas aos empregos temporários nas fazendas do entorno, com baixa remuneração e desvalorização do trabalho feminino. Com todas as dificuldades que enfrenta Biata não desiste de seu sonho em concluir o ensino médio e entrar para a faculdade. Em Terra Dura nenhum de seus membros conseguiu concluir o ensino médio e/ou acessar a universidade. Primeiro porque a escola foi construída em 2002 de forma improvisada no quintal de Dona Zefa, segundo pelo abandono ao qual historicamente foram inseridos, do descaso dos administradores públicos com a educação do campo e educação quilombola.

Biata junto com outras mulheres da comunidade procuraram diversas vezes a prefeitura para solucionar essa questão, o prefeito municipal sempre faz promessas e nunca cumpre, a secretária de educação utiliza justificativas burocráticas para não resolver o problema. Já que no universo “humano” não resolveu a questão, buscou orientação dos *Guias espirituais*, eles disseram que no tempo certo mandariam um sinal para que procurasse o Ministério Público Federal.

No âmbito religioso Biata desde criança frequenta a Igreja Espiritiva, sua mãe Vanilda é médium e recebe Cosme e Damião. Em 2010 estava com depressão, foi orientada da necessidade em fazer limpeza e o batizado para se curar. No processo de iniciação escolheu receber *guias de visita*, ou seja, os *guias de luz* que se têm na companhia, eles não incorporam e a obrigação do filho com ele é montar a mesa e participar das celebrações. Ela ficou bem por um tempo, mas voltou a sentir perturbações, sofrimento físico. Foi encaminhada para outra limpeza e batizado, apresenta características de quem tem dom para *abrir mesa*, tornar-se mãe de santo em um *Centro Espiritivo*.

Valdomiro (pai de santo) está realizando a iniciação de Biata nos conhecimentos mágicos para o seu desenvolvimento mediúnico. Diferente de Dona Zefa que tem seu processo de desenvolvimento espiritual interrompido com a morte do seu pai de santo, a jovem por sua vez será inteira, conhecerá todos os elementos rituais, enxergará por meio do portal os guias que vão descer na corrente. Nesse processo de ser iniciada há uma disputa pelo poder religioso entre elas duas. Dona Zefa marca seu território ao dar obrigações religiosas para Biata junto a sua Igreja Espiritiva.

Darcy o filho

Filho de Zé do Pari, Darcy é o quinto filho do total de dez de irmãos. Com a morte da mãe, ainda muito pequeno, Darcy foi criado por seu Pai José Pereira Barbosa . Homem referência em Terra Dura e circunvizinhança. Por ser muito generoso doava parte do que colhia para os que não tinham. Com a venda de peixes, milho e porcos conseguiu comprar as terras as quais seus descendentes vivem. Zé quando chegou à região construiu no Rio Verde Grande, um Pari. Darcy explica de forma detalhada como funciona a técnica

O Pari só pegava peixe grande, o pequeno deixava sair. Ele caba na pedra, um pontinho, uma estaca, outra estaca, outra estaca, outra estaca, aí o que ele faz essa cerca aqui, o rio ta descendo, essa estaca ele põe lá dentro empariada com a pedra, outra lá em cima, porem as estacas fincadas nas pedras, aí ele vem aqui de pau e de madeira. Faz de maderite tipo pau a pique desse lado e desse lado aqui até chegar no barranco, no razeiro e isso aqui, esse seiszinho aqui ele vem com uma cerquinha aqui, vai fazendo pro lado de baixo. Esse aqui ele faz acima do normal da agua, acima da agua .Ele faz mais alto um pouquinho para o peixe não pular e essa outra ele faz mais baixo, porém a água despeja, cai aqui dentro. Essa daqui ele vai fazer no sentido de fora a fora, faz ela de fora a fora. Essa no meio do rio ela deixa mais baixa. Tipo uma barragem que sangra água por cima. Pro lado de cá tem tipo um chiqueiro que a água entra e sai, você sabe que é de madeira, só a água que sai o peixe fica lá dentro. È tudo de madeira, água passa e vai embora, aí essa aqui é mais baixo, só tem essa boca aqui, agua sai nessas outras madeiras tudo a água desce. Por que vamos supor que seja de 5 em 5 centímetros, um palmo de 4 em 4 centímetros. Agua vai embora, só que ela engrossa, pro lado de cima começa a represar um pouquinho. E essa aqui ela engrossa, passa por cima cai na cama lá. Agua cai vai embora, peixe vem de lá para cá, no sentido que ele vai descer, aqui tá fechado ele encabeça na beira rodando rodando quer descer, ele sobe para cima nesse subir cai preso no curral, cai no cercado, fica preso, fica preso na cachoeira, fica preso na cama lá em baixo, oh, pegava era tonelada, nessa época tinha muito peixe, surubim de 50 quilos.

Zé do Pari viveu até os 66 anos, uma de suas paixões era o *carroção* (carro de Boi). Com ele conseguiu criar seus filhos e agregados, meio de transporte que utilizava para se locomover, escoar a produção para outras comunidades/ para a cidade, abastecia sua venda. Mas em um episódio fatídico o carroção lhe tirou a vida em 1989.

Ele veio na frente dos bois na ladeira, no meio da ladeira o boi arrancou de uma vez e bateu, nas costas dele, ele caiu e o carroção passou por cima de cumprido, fraturou cinco costelas, a costela dele descolou do espinhaço, furou o figo e o pulmão. Chegando aqui ele levantou de uma vez, ficou de cócoras e cuspiu sangue já e veio andando caminhando até aqui, era forte, era um leão. Chegou aqui depois de dois dias que ele foi procurar janaúba, aí Jacintim foi e Bilu que era minha madrastra foi ficar mais ele lá,foi pra montes Claros, conseguiu ajeitar Montes Claros lá para levar para cirurgia. Ele mandou recado que era para mim ir lá em Janaúba, queria me ver.eu tava

vindo daqui pra lá, bem novo mesmo pegar o carro do leite ali, na baixa na baixinha eu encontrei um rapaz chegando láá, me pergutou : - tá indo pra onde Darcy? Eu: para Janaúba ver pai . - o moço ele morreu. eu peguei e vim, voltei para trás, não consegui chorar, eu sou muito sensível, mas quando pai morreu eu não consegui chorar.

Darcy ocupa na comunidade uma liderança tradicional, lugar que seu pai deixou através dos ensinamentos de trabalho na terra, honestidade e respeito. Em relação aos demais moradores de Terra Dura, tem um porção de terra bastante significativa, adquiriu com a compra paulatina da parcela de seus irmãos, que aos poucos migraram para a cidade. Dos irmãos que permanecem nas terras do pai, restaram; Jacitinho, Cida, Vanilda e Maria.

Casou-se com Maria Aparecida, quilombola da Fazenda Torta, local onde os sem-terra quilombolas reivindicam as terras. Sua esposa morou nessa terra até seus 09 anos e mudou-se para São Vicente fugindo da expulsão dos fazendeiros, depois foi para a cidade Verdelândia. Ela Migrou para Terra Dura quando deu a luz Henrique (14) seu primeiro filho com Darcy, o seu filho mais velho Frank (18 anos) é de um relacionamento anterior. Há uma aceitação pelos moradores de filhos de outras relações, mas sempre que há um espaço o assunto é tratado nas entrelinhas. Fia é colocada com um — “outsider”, participa pouco da vida em comunidade, não vai aos rituais religiosos e nem outros momentos festivos.

Uma questão que marca o lugar político diferenciado de Darcy perante a comunidade é que ele e sua esposa, são os únicos que escoam a produção para fora da comunidade, vendem na feira de Verdelândia aos domingos, participam do Programa de compra de alimentos da agricultura familiar (PAA) e do Programa Nacional de compra de alimentos para a merenda escolar (PNAE). Na organização política comunitária, Darcy contribui para fundar a associação das Comunidades Terra Dura e Sete Ladeira. Foi vice-presidente da associação por dois mandatos. Desvinculou-se da associação por não concordar com a forma pela qual a nova diretoria foi eleita. A única da sua casa que é membro da associação é Fia que faz parte do conselho fiscal.

No âmbito externo da comunidade, Darcy estabelece diálogos com o poder municipal. Até o ano de 2013 foi *bombeiro*, ou seja, funcionário terceirizado responsável para cuidar da bomba que distribuição de água para a casa dos moradores. È na sua casa, assim como na de Dona Zefa que em períodos eleitorais os candidatos fazem visitas, levando propostas e pedindo votos. Eles exercem forte influencia no voto dos demais.

Também na esfera dos órgãos do governo, são eles que recebem o INCRA e negociam as visitas. O poder de diálogo com essas instituições é polarizado entre esses dois atores. Uma via poder religioso, o outro por ser filho do ancestral comum, herdeiro do conhecimento e da retórica.

Uma parentagem doida

Iniciei a pesquisa e fui me dando conta que o idioma da mistura aparecia com recorrência na construção da etnicidade em Terra Dura. No nosso primeiro encontro, Dona Zefa disse uma frase que nunca esqueci. *aqui nós é raça de um povo só, uma parentagem doida*. Ao construí sua identidade a partir de um discurso vinculado ao parentesco ela completa a frase: *Nós somos uma nação de gente só, de gente preta*. A ideia de mistura com o de fora é intercalada com a ideia de um único povo espalhado, que tem como narrativa de gênese uma índia tapuia pega no laço por dente de cachorro do mato. Nessa direção ela aponta para a rede de parentesco que os (ideia de nação de um povo só) situa a um universo mais amplo, aos quilombolas da Mata da Jahyba. O que pode ser evidenciado na genealogia da comunidade que mostra que tocar parentagem é essencial na vida em coletivo.

A estratégia de utilizar a rede de parentesco como marcador da etnicidade quilombola é recorrente nas comunidades negras do Norte de Minas Gerais. Costa (2010) em estudos sobre Agreste e Brejo dos Crioulos mostra que através do acionar a rede de parentesco como marcador diacrítico possibilitou a permanência no território. O discurso de “Todas as pessoas são primas ou aparentadas entre si, à mistura possibilitou a própria continuidade social”. Analiso essa estratégia de ligação a partir do conceito de “Rede Interquilombos”, que Plínio dos Santos propôs no caso das redesirmandades em comunidades negras rurais Sul-Mato-Grossense, para ele as "Rede Interquilombos" são essenciais para a troca de informações e mercadorias, e principalmente para a segurança desses núcleos (Plínio dos santo, p.23) . Nesta direção, a “Rede Interquilombos” no Norte de Minas, lida não só por parentesco, mas tendo ele como uma das suas tramas mais forte, essencial para a reprodução social e permanência dos negros no território.

Casamentos enquanto política

No início desse artigo apresentei as histórias/ trajetórias de alguns sujeitos situados no campo político de Terra Dura, mostrando como a partir de locais sociais específicos

agenciam a política interna do grupo. As trajetórias perpassam o modo se como essas pessoas se associam, configurando uma *parentagem doida*, que se expande para além do território, constituindo uma rede “interquilombo”.

Dentro desses modos de associação para configuração da rede, o casamento é um dispositivo agregador, é um ato político, que cria estratégia de enfrentamento ao de fora, ao mesmo tempo em que o insere como um afim em potencial. No caso Potigura, algo semelhante ocorre como demonstra Vieira (2010). Para tanto, considero que a política matrimonial revela a construção do parentesco e da vida social e o casamento é uma ação política e instrumento chave no entendimento das dispersões e das estratégias de ação do multicentrismo potiguara. Demonstro a possibilidade de verificação do acionamento do gradiente de distância nas estratégias matrimoniais e nas classificações (escalares) de parentes, como explicitado na alternância ente casamentos próximos identificados pelo ideal de —não espalhar o sangue e os distantes pela ênfase na mistura e na abertura ao exterior. (VIEIRA,2010,p.39)

Hartung (2004) ao estudar a estabilidade histórica e social do grupos de escravos e ex-escravos herdeiros da invernada de Paiol de Telha, no estado do Paraná, mostra que a relação de parentesco dos escravos da Capão Grande não se restringia à fazenda a qual estavam vinculados, mas se estendiam a cativos de propriedades vizinhas, dessa forma ampliando a rede de relações.

Por intermédio de tais redes, através de laços de parentesco, ligando se uns aos outros, os cativos faziam circular afetividades, segurança, amparo, influência, prestígio, lealdade, deveres e direitos (Florentino, 1997), o que lhes garantia, no espaço da fazenda, a existência, entre eles, de outros elos que não apenas o de sua condição de cativos. Tais relações lhes asseguravam pertencer, na expressão de Florentino (1997), à comunidade dos homens, porque inseridos em famílias, em redes parentais que em alguns casos, extrapolam os limites das fazenda, dito de outro forma, a documentação que demonstra que os escravo libertos da Capão Grande estavam organizados em famílias e que mantinham entre si relações de parentesco que sugere também que sua organização social era relativamente estável e visava, ao ampliar a rede relações, preservar – la , isto é, permitir sua continuidade. (HARTUNG, 2004,p. 32).

Nessa direção, tentarei evidência como as estratégias de casamento em Terra Dura foram construídas ao longo dos anos, formando a parentagem doida que se abre para o de fora, que também é parente. A rede foi tecida ao longo do período de territorialização do grupo. A genealogia aqui será traça em diálogo com as descrições do território expropriado. Ao esboçar a genealogia têm se os casamentos que nas primeiras gerações ocorriam nos lugares de antigamente, e que hoje estão nas fazendas como pode

ser visto ao analisar a imagem de Satélite, representa o território reivindicado. A origem do parentesco em Terra Dura tem um único tronco familiar, tendo como ancestral comum Evaristo Pereira. O núcleo foi se dividindo em outros micronúcleos a partir das mudanças na forma de organização dos casamentos. Dentre eles se estabeleceu o núcleo dos descendentes de Zé do Pari, os descendentes de Lino e Bernarda, dentro desse micronúcleo o de Dona Zefa. Mais adiante iremos analisá-los em profundidade. Por hora esclareço que a noção de parente em Terra Dura é concebida de duas formas, *parentes próximos*, os que se conhece e estabelecem relações e parentes distantes os que na maioria são de outra comunidade, mas que possuem o mesmo *sangue*, entretanto as relações são mais frouxas. Esse idioma do sangue se aproxima do que Gow (1991) evidenciou entre os Piro:

o sangue é um idioma precípua na construção da ideia de grupo e de ligação substancial entre gerações. Logo, a transmissão de sangue insere a pessoa no cerne da história de construção do parentesco. Porquanto, a história passa a ser definida enquanto um processo de constante de contrato e intercasamento entre diferentes grupos e pessoas, isto é, entre diferentes —sangues! gerando novas gerações e novas povoações (GOW, 1991, p45)

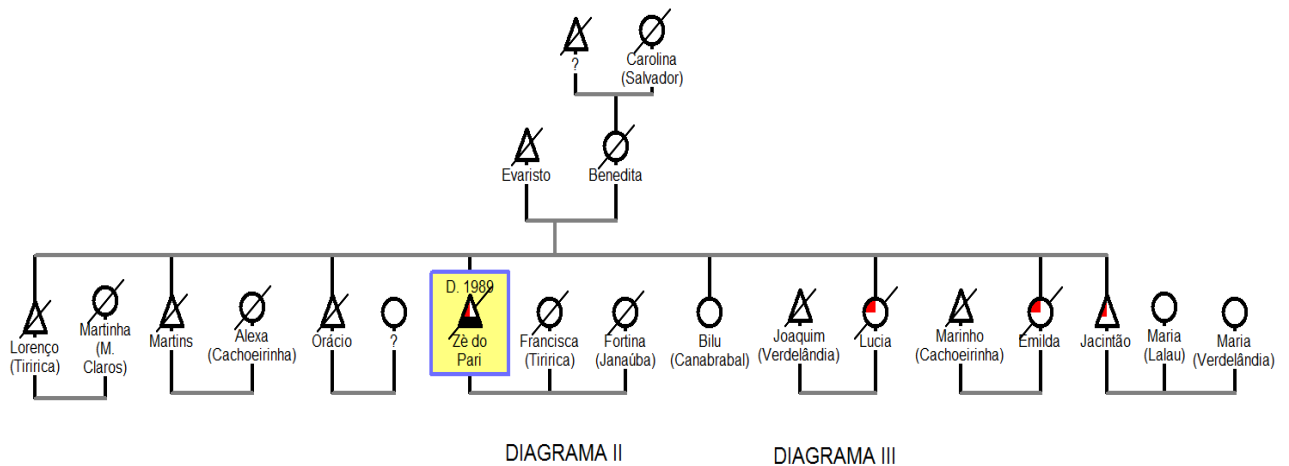
Ao falar sobre os parentes seu Beijamim traz a narrativa que é bastante recorrente no norte de Minas, que sua bisavó era uma índia Tapuia vinda da Bahia "pega no laço por cachorro do mato" e trazida a força para a região do norte de Minas Gerais. Como pode ser visto no croqui genealógico .

A primeira geração é composta pela memória sobre Carolina, baiana de Salvador e o apagamento da narrativa sobre seu esposo. Essa narrativa também muito recorrente no nordeste indígena (Mura (2013), Vieira (2010)) ao aludir uma origem nativa. Ou seja, os termos de parentesco conectaram, dentro de um plano temporal, as pessoas do “tempo muito antigo” as pessoas do “tempo de hoje”. Tal operação faz-se em detrimento de qualquer profundidade temporal ou quase nenhuma extensão cronológica. As narrativas valorizaram antes os eventos e as ações que contrastam com o presente, servindo-lhe como marcadores temporais, do que a mediação e apreensão do tempo cronológico. (Vieira 2010, p.43).

Em vista disso, reforça-se a ideia, que a história é parentesco, sublinhada por Gow (1991) em relação aos Piro e reafirmada por Vieira (2010). À medida que eram indicados núcleos comuns de antepassados, que se moviam ao longo dos rios e cujos laços de parentesco, se assentavam na expressão “todo caboclo é parente, as concepções

dos deslocamentos entre localidades sugeriram a configuração de um padrão de habitação e uma tendência à dispersão das famílias”. Por sua vez, os movimentos decorrentes dos constantes deslocamentos sublinharam uma concepção nativa de mistura e um modo peculiar de ocupação do espaço e da temporalidade. (Vieira 2010, p.41).

Croqui Genealógico – Chegantes .



Fonte : LEAL,2015

No início os descendentes dos atuais moradores casavam-se com as pessoas que moravam próximos das terras soltas que habitavam, com não parentes, configurando círculos de abertura com exterior e, por conseguinte, aproximando-se do de fora em termos parentais ou genealógicos.

Na geração seguinte, a preferência passou a ser dada especialmente às pessoas que mantinham relações de proximidade pelas residências, estabelecendo, um tipo de preferência por pessoas tidas como parentes.

Na segunda geração temos como ego, Evaristo casado com Benedita, alguns a chamam de Matilda também, mas segundo a narrativa Evaristo teve somente uma esposa. Entretanto há relatos de que ele tinha filhos fora do casamento. (os filhos fora do casamento estabelecem relações com a família original, é conhecido pelo pai e demais

parente). Evaristo e sua esposa nasceram na mesma região, no Sapé, atualmente barreiro do Rio Verde Grande.

Na terceira geração temos os Filhos de Evaristo e Benedita, que em sua maioria nasceram na Tiririca local próximo ao sapé, essa região toda encontrasse na fazenda Barra. Seus filhos se espalharam pela região do Norte de Minas, outros para São Paulo, desses, quatro fundaram o que hoje é Terra Dura. Liderados por Zé do Pari migraram para a antiga rocinha, porque ao lado morava Zé ladeira primo de Zé do Pari. Por meio do levantamento genealógico não cheguei a esses vínculos, mas eles aparecem nas narrativas dos antigos sobre as migrações para as localidades próximas de onde se tinha parentes.

Apesar da separação entre os irmãos as relações eram mantidas entre eles, os reencontros ocorriam principalmente no período dos festejos de santo ou celebração do natal. Sobre Zé do Pari ele era casado com Francisca Borges, na memória dos seus parentes eles recordam de um único irmão dela, Joaquim que era casado com Lúcia irmã de Zé do pari. Com a morte de Joaquim, Zé do pari criou os sobrinhos como filhos, já que eram sobrinhos dos dois lados, sendo os filhos de Zé do Pari primos irmãos do de Lúcia, essa categoria é muito utiliza em Terra dura. E esse tipo de casamento nessa geração era bastante recorrente. Na quarta geração há uma subdivisão desse tronco. Entre os filhos de Lucia e os De Zé do Pari. Emilda não teve filhos. Jacintão vendeu sua parcela para Adão e mudaram para cidade, seus filhos mudaram para a cidade também e não casaram em Terra Dura. No lado da Genealogia dos filhos de Emilda temos como Ego Adelino (Lino) casado com Bernardina (Bernarda), que morava em Boa Vista (Caxambu I). Carmino (Tio Cá) primeiro com M^a Paixão (Mirabela) com o falecimento da esposa casou com M^a Izabel (Jacobina –BA) .

Essa geração ainda casa com pessoas da localidade antigas. Segue em anexo a tabela com os nomes antigos com seus respectivos atualmente. A genealogia aponta que eles sempre estiveram na mesma região, entretanto com o primeiro Processo de Territorialização ficaram encurralados na área que moram. Por exemplo, Canabral é uma área que eles reivindicam, atualmente está na fazenda da Cristiane. Como pode ser consultado na tabela em anexo.

Imagem de Satélite : Território reivindicado



Fonte: Leal, 2015

Quadro - Relação de nomes antigos e atuais

Nomes Antigos	Nomes Atuais
Cedro	Fazenda de Cristiane
Barra	Fazenda João Damásio
Canabral	Fazenda Cristiane / Sete Ladeira
Tiririca/Sapé	João Damásio
Lagoa da Maricota	Fazenda Lauro Meira
Moça Bonita	Fazenda Gameleira
Boa Vistinha	Arapuim / Caxambu I

Fonte: Elaboração própria.

Esclareço que a concepção de tronco, família extensa, e ancestral comum, empregadas nesse capítulo dialogam com a conceituação Mura (2013), embora referentes aos índios Pankararu contribuam de forma significativa na análise proposta.

Entre os Pankararu a ideia de tronco, por exemplo, é formado por um número indefinido de famílias extensas que estabelecem relações de cooperação cotidiana. Distribuem-se espacialmente de forma a terem residências próximas, o que lhes permite ter relações de níveis elevados de interação diária. Cada família extensa é formada geralmente por três (ou quatro) gerações, unidade mínima para a reprodução de um grupo doméstico. O tronco não se configura como um clã, pois não existe uma organização que determine regras de exogâmias entre diferentes linhagens, como no caso dos Nuer estudados por Evans-Pritchard (1992). Mas ele pode se definir como

uma linhagem, por ela estar em estreita analogia com a noção de tronco, a partir da qual os índios fazem referência a uma árvore genealógica que visa ressaltar a profundidade temporal, isto é, a linha genealógica que remete a um ancestral histórico. Não há um número específico de gerações a compô-lo, estando estas vinculadas à memória de seus membros. (Mura, 2013).

Em Terra Dura as narrativas apontam para a formação da *nação de gente preta*, a partir de casamentos que configuram novos núcleos familiares que serão englobados pelas famílias extensas. O que se aproxima das categorias tronco e linhagem. É na quarta geração que os casais deixam de migrar após casamento, as terras não são mais soltas, impossibilita a escolha livre do local onde se deseja construir a casa. Nas gerações seguintes inicia a recorrência de casamentos internos e casamento entre primos. Isso é justificado pela delimitação do território.

Os casamentos internos são uma forma de garantir a permanência dos jovens no território assegurando a não segmentação da área com o de fora, já que a parcela que habitam é pequena. Entretanto o de fora permanece um afim em potencial, desde que ele tenha área maior que a família do cônjuge e que possibilite a construção da moradia para o casal, um parente distante que estabelece relações de proximidade com Terra Dura, e /ou frequentador dos festejos. A família de Bernarda, ao ser analisado visibiliza as mudanças na estratégia de casamento ao longo das gerações. Ele ainda aponta para produção de parentes por meio da adoção.

Produzindo parentes, ampliando a rede – o compadrio.

Além das estratégias de casamento, o compadrio é utilizado para ampliar a rede “interquilombos”. No ato de produzirem novos parentes pelo compadrio há o fortalecimento político interno e a ligação com os seres cosmológicos. Em Terra Dura há quatro tipos de relação de compadrio: o de batismo na igreja católica, o *batismo na religiosidade Espiritiva*, o compadrio de fogueira e por fim o compadrio de casamento. Cada um tem sua especificidade na construção de alianças políticas, além de esboçar, um tipo de relação com o de fora, com as entidades, o inserindo na rede de reciprocidade e obrigações.

De forma análoga ao caso Potiguara, é o que pode ser verificado nos contextos de ampliação das redes de relações pela mistura a um universo de parentes. A partir da ampliação aliado a dispersão de e/ ou circulação de pessoas e família, tornasse visível a heterogeneidade e agenciamento da mistura. (Vieira, 2010). Bourdieu (1982) ao

discutir o compadrio, informa que na relação estabelecida entre famílias, os indivíduos estabelecadores desse vínculo religioso e social, o fazem por serem portadores de honra equivalente que lhes possibilita instaurar ante a comunidade dos homens e ante o mundo sagrado um contrato moral através da relação construída a partir de elementos religiosos. (não só religiosos, mas para além disso, de uma tradição)

O *batismo* na cosmologia de Terra Dura transforma o ser pagão, que não é aceitável, pois é da parte do bicho, (ser do bicho é uma metáfora para se referir ao capeta), nesse caso não humano, em humano, para atingir a salvação e o reino dos céus. Perspectiva construída em diálogo com as dicotomias cristãs entre céu e inferno, Deus e Demônio. Neste caso com uma linguagem própria do universo deles, povoado por elementos que dialogam com a natureza e com as relações de humano e não humano. Para deixar de serem pagãs as crianças devem ser batizadas, as que falecem antes desse ritual são submetidas a ele após a morte.

Dona Zefa ensina como é realizado o batizado de criança morta. Ele inicia com a escolha do padrinho e a madrinha, neste caso alguém que esteja próximo, já que é um caso de urgência. Os padrinhos perante o corpo da criança realizam a oração do Creio em Deus pai, seguido de Pai nosso, Ave Maria e Santa Maria, simultânea a enunciação das orações seguram um ramo em uma das mãos, o emerge numa solução de água e sal, e desliza o ramo húmido pela moleira (espaço macio que une a cabeça do recém-nascido), pelas costas e por fim na boca do afilhado. Na religiosidade essas partes do corpo são locais de entrada e saída do mal. o sal no ritual e no cotidiano é utilizado para batizar as coisas e pessoas. Segundo dona Zefa especialista ritual "O sal batiza as coisas, você coloca sal no ovo para batizar, porque ovo é pagão de bicho". O sal nessa perspectiva purifica o impuro, torna o (in)comível em comível.

Como dito anteriormente, há vários tipos de batizados, dentre eles o na igreja católica, de forma geral ele ocorre na infância, já que o pagão é da parte do bicho. O ato de batizar no cristianismo é uma herança do catolicismo popular praticado na região, o que não exclui o batizado na religiosidade Espitiva. O batizado católico ocorre na sede da antiga escola de Sete Ladeira, as comunidades não tem uma igreja católica nas localidades, o padre uma vez a cada mês celebra a missa. Os cursos de batizado e casamento são oferecidos de acordo com a demanda. Os padrinhos escolhidos são em sua maioria parentes de outras comunidades, para reafirmar os vínculos de parentesco.

No caso da escolha dos padrinhos no batizado da religiosidade Espiritiva, é exigida a iniciação, são os responsáveis pelos cuidados espirituais do afilhado e pela transmissão dos saberes religiosos. Esse batizado é realizado na fase adulta (a partir dos 18 anos) de diagnosticado pelo especialista ritual. A fraternidade religiosa é afirmada, criando vínculo de obrigações para ambos os lados, em um capítulo específico realizo a descrição do ritual.

O batizado de fogueira é uma brincadeira realizada no período das festas juninas, apesar do caráter lúdico, os pactos são tratados com seriedade e respeito. Ele ocorre da seguinte forma, a pessoa que tem interesse em estabelecer alianças com algum conhecido, propõe a brincadeira de saltar a fogueira. Posicionados em lados opostos dão a mão e saltam a fogueira acessa invertendo a posição, ação é repetida três vezes enunciando em voz alta as seguintes palavras: —São Pedro tá dormindo, Santo Antônio acordado, pela graças de São João nós somos compadres/comadres!. Esse ritual sela o pacto entre as partes que passam a se tratar usando o termo compadre/comadre. Estreitam os laços, deixando de ser um conhecido para ser parentes.

A estratégia de escolha dos padrinhos de casamento é bastante diferenciada das demais. Geralmente são escolhidos membros externos do grupo que tenha melhores condições financeiras (gente cheia) para ajudarem os pais da noiva a fazerem a festa, são os padrinhos que disponibilizam o transporte para os noivos se deslocarem até o cartório onde ocorre o casamento no civil. Acontece com recorrência o convite aos fazendeiros ou encarregados das fazendas da redondeza. Em certa medida, politicamente é interessante ter uma relação de proximidade como os fazendeiros, nos momentos de urgência os quilombolas recorrem a eles, como por exemplo no empréstimo de trator para gradear a terra, em casos de doença, emprego, ou até mesmo em relação ao apoio de um candidato X ou Y para melhoria das estradas. Há de se salientar que relações de compadrio se instauram também com membros externos ao grupo étnico. Nestes casos, a dinâmica do vínculo pode ser marcada por fortes assimetrias sociais e econômicas.

Como vimos no decorrer desse artigo, em Terra Dura há uma lógica de associação que busca conectar pessoa de dentro, de fora, entidades, quilombolas, não quilombolas de modo a formar *a perentagem doida*. Essas formas de conectividade são estratégia de fazer política, assim relações tecidas no cotidiano é outro modo de fazer política para esse grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, A. W. B. Terras de preto, terras de santo, terras de índio - uso comum e conflito. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

ARRUTI, J.M. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, 1997

AMORIM, Paulo Marques Pires. 1971. Índios Camponeses: Os Potiguara da Baía da Traição. Rio de Janeiro: Museu Nacional. Dissertação de Mestrado

BARTH, F. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: O Guru, E o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BOSSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. São Paulo: T. A. 1982

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

. _____. A distinção: Crítica Social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk,(1982).

COSTA, J. B. de A. Processos de Territorializações e o Esvaziamento de Conteúdos da Etnicidade Quilombola em Agreste. Montes Claros. Unimontes, 2008. (mimeo).

. GODOI, E. P.. O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. 165 p.

GOW, Peter. 1997. “O parentesco como consciência humana: o caso dos piro”, Mana vol.3 n.2, pp. 39-65. GOMES, F. S, 1996. Quilombos do Rio de Janeiro do Século XIX., In: REIS, J. J. & GOMES, F. S. (orgs.): Liberdade Por um Fio. História dos Quilombos no Brasil.

GOLDMAN, Marcio. Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnogra”a. Pontourbe: cadernos de campo, São Paulo, n. 23, p. 257-270, 2014 Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, ano 2, 2008.

HARTUNG, Miriam. 2004. O sangue e o espírito dos antepassados - escravidão, herança e expropriação no grupo negro Invernada Paiol de Telha. Florianópolis, NUER.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Centauro: 2006. JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática & Francisco Alves (Original), 1960.

KOFES, Suely. Uma trajetória, em narrativas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. KOFES; MANICA.(org.). Vida e grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro, Faperj – Lamparina, 2015.

MURA, Claudia. Todo Mistério tem Dono! Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu,UFRJ,2013.Disponível em : <http://teses2.ufrj.br/72/teses/775418.pdf>

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre. 2010. Fiéis descendentes: redes-irmandades na pósabolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia,

VIEIRA, José. Amigos e competidores: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba. São Paulo:USP,2010.

VIEIRA, Suzane. Resistência e Pirraça na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.